

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS TURMAS DE 3º ANO EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MANICORÉ

XAVIER, Jackeline Lopes¹

FERREIRA, Katriana Jacaúna Farias²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar a importância do estudo das Variações Linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, para que os alunos conheçam e entendam que o nosso país possui grandes variações linguísticas devido ao seu processo histórico, regional, social e cultural. Por este motivo foi analisado o grau de conhecimento dos alunos sobre essa temática na disciplina de Língua Portuguesa e como a professora trabalha esse conteúdo nas aulas. Foi utilizado métodos de abordagem qualitativa e descritiva através dos questionários aplicados aos alunos e a professora, para melhor desenvolvimento desta pesquisa é apresentado como base teórica autores como Bagno, Bortoni e outros escritores.

Palavras-chaves: Variações Linguísticas; Sala de aula; Preconceito Linguístico.

Introdução

Este trabalho de pesquisa retrata o Estudo das Variações Linguística no Ensino da Língua Portuguesa no âmbito escolar, com o intuito de apresentar a importância de saber, entender e até discutir sobre essas variações presente no nosso idioma. Sabe-se que devido ao processo histórico do país, o Brasil possui uma diversidade linguística tanto nos aspectos sociais, culturais, regionais e históricos. Diante disso foi apresentado aos alunos e professores ferramentas que possibilitassem conhecer e respeitar a presença dessas variações, e até evitando futuros preconceitos linguísticos que acaba ocorrendo por conta desses fatores. Esta pesquisa buscou mostrar as variações existentes na sociolinguística tendo como base teórica autores como Marcos Bagno, Irlandé Antunes e Bortoni-Ricardo.

No Brasil, os estudos das variações têm trazido sérias discussões sobre questões que envolvem o ensino de língua portuguesa e para exemplificar tais acontecimentos existente na variação linguística. E esse artigo tem como foco apresentar, analisar e discutir sobre essas

¹ Graduanda em Letras pelo Centro de estudos Superiores de Manicoré. jacklopesx@gmail.com

² Mestre em Linguagem e Educação, pela Universidade UNIR. katriana.farias@gmail.com

variações a partir da utilização do método de abordagem de maneira qualitativa e descritiva de qual é o conhecimento da variação linguística entre os alunos e como precisa ser trabalhada essa temática com esses alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública. A realização desta pesquisa se justifica, também, pela possibilidade de contribuir para prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa como prática na educação básica.

1. Referencial teórico

1.1. Variação Linguística

A Variação Linguística é um fenômeno natural que ocorre na língua ao atribuir variações no falar de um determinado idioma, por intermédio de fatores que contribuem para os estudos das variações, conforme afirma Bortoni (2004 p. 49) “equivale a própria ação humana, por sua vez determinada por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais”. Além do mais, cada cidadão tem seu papel social definido por normas socioculturais, ou seja, é algo que vem enraizado através de nossas culturas e é naturalmente expressado a identidade do indivíduo.

Antunes (2009) afirma que a heterogeneidade da língua é como uma ligação entre nós e nossos antepassados, que nos permite ter essa relação direta com a nossa história, além de demonstrar de onde viemos e quem somos. A língua nos apresenta aos outros, pela forma como falamos, pelos sons, pela entonação, pelo jeito e outros fatores sociais que ocorrem num determinado tempo ou simplesmente num espaço concreto.

A língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua.” Nesse contexto, as diferenças não podem ser vistas como erro, cultura tão forte no espaço da escola e nas páginas e imagens da mídia que perpetuam o preconceito linguístico Antunes, (2007, p. 104).

De acordo com o pensamento do estudioso, a sociedade assim como a língua são heterogêneas, logo, o fenômeno da variação linguística é uma realidade social que muitas vezes é vista como erro. Segundo Bagno (2007, p. 47) “uma variação linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua”, e a partir do momento que a pessoa se depara com diferenças no falar seja na escola ou em qualquer outro ambiente acaba por despertar o preconceito linguístico.

Lopes (2000) destaca que as variações podem estar relacionadas às classes sociais, ao espaço físico que o falante ocupa, à modalidade de linguagem que utiliza para se comunicar que podem ser observadas em uma mesma comunidade. Soares (1986 p. 78) afirma também

que “o ensino da língua materna é comprometido devido a luta de desigualdades sociais e econômicas, reconhecendo essa relação entre a escola e a sociedade devido as camadas populares que se apropriar-se do dialeto de prestígio.”

De acordo com Cunha (2008, p. 27) “cada uma das variantes da língua usada por um grupo apresenta regularidades, recursos normais para aquele grupo, e chama-se dialeto”, isto é, o falante apresenta uma entonação ou vocábulo caracterizando uma comunidade em certo espaço geográfico.

Há outros fatores que não são estruturais, mas sim funcionais. [Eles] Resultam das interações sociais. Podemos, então, dizer que a variação linguística depende de fatores socioculturais e de fatores socio funcionais. [...] os fatores estruturais se inter-relacionam com os fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos dos falantes. BORTONI-RICARDO, (2004, p. 49).

A partir da perspectiva de Bortoni (2004) todos os fatores sejam eles socioculturais ou socio funcionais contribuem para o estudo da variação, lembrando que o próprio sistema linguístico considera um fenômeno natural, logo, para facilitar a compreensão pode ser abordado de diferentes aspectos como a variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

A variação diatópica, também conhecida como variação regional permite identificar a origem de uma pessoa através do modo como ela fala. Segundo Saussure (1977) esse fenômeno ocorre por meio das diferenças que uma mesma língua apresenta conforme a dimensão geográfica, podendo está associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes.

Já a variação diastrática ou variação social se dá a partir dos fatores sociais: grau de escolaridade, nível sócio econômico, gênero, faixa etária e até mesmo a profissão do falante. Saussure (1997), demonstra a respeito aos extratos sociais que pode ocorrer em níveis: fonéticos, morfológicos e sintáticos, como exemplo, as variedades entre as falas de uma adolescente repleta de gírias, em contraposição a fala de um adulto mais formal.

Existe ainda a variação diamésica, que compreende as diferenças entre língua falada e escrita, embora, neste momento, não nos aprofundemos neste tipo de variação linguística, visando limitar-se ao preconceito linguístico (SAUSSURE, 1997).

A variação diamésica ou variação na fala e na escrita estão relacionadas a diferenças entre a língua falada e a língua escrita, no caso ao elaborar um texto falado muitas vezes é uma ação espontânea, ou seja, são improvisadas nos mais diversos níveis. Já na escrita, ocorre uma atividade artificial (não espontânea), pois passa por todo um preparo, seguindo regras rígidas de conformidade com a norma padrão.

A variação diafásica ou estilística avalia a condição de um mesmo falante usar formas diferentes de falar devido a condição de comunicação que se encontra, dentro de um grupo um mais homogêneo possível, da mesma época, idade, profissão de acordo com o monitoramento do ambiente que esteja podendo ser caracterizado também através dos meios de comunicação como a própria fala, email, carta, etc,

Conforme Bagno (1999), a variação diacrônica ocorre no decorrer do tempo, na medida que é verificada algumas mudanças em nosso dia a dia na fala, por exemplo, as gírias, se algumas gírias utilizadas por nossos pais, avós ou outras pessoas mais velhas, dificilmente um adolescente utiliza ou entendi, e hoje tem pessoa que utiliza outras gírias com o mesmo significado.

É possível observar que as características presentes na Variação Linguística do nosso idioma são diversas e que pelo estudo linguístico não existe na fala uma língua melhor que a outra. Trazendo para língua brasileira não é certo afirmar que determinadas regiões do Brasil fala o português mais certo que outras regiões, o importante é atender a necessidade de comunicar-se com outro sem ruídos.

1.2. A Importância do estudo da variação linguística no âmbito escolar

A variação linguística está presente no âmbito escolar nos diversos modo de falar dos estudantes, por isso é importante que eles possam ter conhecimentos das variações não somente como uma grade curricular do ensino aprendizagem no ensino médio. E que os professores de língua portuguesa façam a mesma reflexão sobre a importância de tratar a variação linguística na sala de aula, para que não ocorra o preconceito Linguístico no ambiente que estudam ou no decorrer de suas vidas. “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p. 29).

A Língua Portuguesa carrega essa diversidade de variação no seu falar, observa-se naturalmente a presença desse fenômeno na pronúncia e como o modo de expressar a fala de cada região muda. E como esse fenômeno está presente no dia a dia do povo brasileiro é inevitável ignorar essa situação que também está dentro da sala de aula e principalmente incluso no ensino e aprendizagem dos alunos, pois essa temática variação linguística faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e de escrita, o que espera não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas [...] (BRASIL, 1998, p. 31).

Diante disso, entendemos que o objetivo dos padrões da fala e da escrita não predominam em levar os alunos a falar certo, mas sim permitir a escolha da forma mais adequada a se falar considerando as condições do contexto para que haja comunicação. Bagno (2002) é interessante que estimulem nas aulas de língua portuguesa o conhecimento da língua materna e que as instituições de estudos de ensino abrissem espaço para discursões sobre manifestações linguísticas, realizadas no maior número de gêneros textuais e das variações, com intuito de mostrar como a língua pode ser concretizada.

A norma culta constitui ao português correto; tudo que foge à norma representa um erro. Isso representa um preconceito porque, não verdade, não há Português certo ou errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais(...) O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas(...) assim, queremos que os alunos saídos das classes desprestigiadas aprendam a norma culta para dela se utilizarem. TRAVAGLIA, 2009, p. 63).

A escola tem esse papel de não ignorar as diferenças linguísticas culturais enraizadas nos seus alunos e nem tentar substituí-la pela língua da cultura institucionalizada, pelo contrário, a variedade linguística desses alunos precisa ser respeitada, valorizada e até reconhecidas por eles como uma identificação da sua própria formação social e ter a oportunidade de aprender sobre as variantes de prestígio de sua língua. Como afirma a autora Bortoni (2005) a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, e os professores precisam realizar meios que façam seus alunos conhecer e entender que existe duas ou mais forma de falar a mesma coisa.

Em sala de aula as diversidades linguísticas estão presentes no falar dos alunos, porém nem sempre são bem aceitas ou respeitadas na escola ou no meio social. A autora Bortoni (2004, p. 34), diz que:

As variedades que tem maior poder de prestígio está associada à política e economia dominante, por este motivo essas variações são vistas como corretas mesmo sabendo que não são superiores as demais. A ideologia dominante influencia e tenta padronizar a língua, possibilitando uma norma a ser seguida, o que justifica a existência da norma-padrão e a gramática normativa, porém, não minimiza e nem exclui a existência do português não-padrão.

Em uma sociedade com desiguais níveis econômicos e sociais, é corriqueira a utilização de discursos sustentados por pessoas de patamar financeiro elevado que consideram a norma padrão como única variante possível da língua. Essa situação se reflete nas aulas de Português, pois em várias situações os alunos são inibidos de se expressarem verbalmente algumas vezes

até pelos seus próprios colegas de turmas, ocorrendo assim um constrangimento podendo até ser as vezes executado pelo próprio educador. Pois, alguns professores costumam apoiar a ideia que é imposta pela sociedade, de que só o professor é possuidor de uma linguagem “correta” para ser usada nas aulas, desconsiderando, com isso, a vivência e a participação do educando.

Sabe-se que as gramáticas normativas expõem um conjunto de regras as quais devem ser seguidas e o uso dessas regras pode ser encontrado nos textos formais, porém apesar da importância de conhecer as regras de funcionamento da gramática normativa, acontece geralmente uma situação de preconceito linguístico aos falantes que têm uma forma de pronunciar diferente. A escola tem esse papel de solucionar dificuldades e demonstrar a importância do conhecimento das variedades linguísticas, utilizar também metodologias adequadas para a valorização de conhecimento linguístico aproveitando um conhecimento que eles já possuem.

Dessa maneira é importante saber que há diferença entre a norma-padrão e a norma-culta. De acordo com Bagno (2007, p. 106-7), a norma-padrão não pertence ao universo da variação, por estar fora dos usos sociais da língua. Antunes (2007, p. 87) explica que a norma culta vinculada pela escola é correspondente a fala “modelar” ou melhor dizendo como “correto” por seguir as regras estipuladas nas gramáticas normativas, dessa forma é constituída a representação do que seria um falar “exemplar”.

Já Bagno (2007, p. 117) compartilha também o mesmo pensamento sobre a norma culta ao dizer que:

a norma culta é um conjunto de variedades linguísticas efetivamente utilizada pelos falantes urbanos, os mais escolarizados de uma situação econômica melhor e nelas aparecem usos não previsto na norma-padrão, mas que já caracterizam como o verdadeiro português brasileiro prestigiado.”

Logo a norma culta é de fato uma variação linguística por ser utilizada por um determinado grupo específico ou melhor dizendo os socialmente favorecidos, porém, se torna mais adequado aos contextos orais e escritos para uso da língua formal.

A sociedade tem a percepção que falar com menor prestígio ou pouco valorizado é considerado “errado” por fugir da norma padrão e por este motivo acaba discriminando o falante com a pronúncia ou um vocábulo diferente. No entanto dentro das escolas não é tão diferente, pois muitas vezes não é apresentado a importância de entender que as variações linguísticas estão presente no dia a dia, que quando se trata da fala não existe o certo ou errado e sim o adequado e inadequado para determinados ambientes.

Por fim, se a escola continuar todo tempo prevalecendo o discurso autoritário com o tom de repreensão de que é errado falar dessa forma, pode trazer consequências na

aprendizagem de alguns alunos que ficarão com receio de falar nas aulas. Portanto, é fundamental predominar o respeito e compreensão independente do seu modo de falar ou classe social.

A língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BAGNO, 2007, p. 27)

Bagno (2007) menciona que a língua portuguesa no Brasil possui muitas variações, e é possível identificar de que localidade as pessoas são só pela forma como falam, cada região possui uma variação no diferente no seu falar, por ser uma variedade linguística de menor prestígio é vista como inferior ou errada.

É dessa maneira que começa o preconceito linguístico devido as falas dialetais seguida de mitos que só existe um jeito “certo” de falar. “Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua se manifesta num conjunto de diferentes falares” (ANTUNES, 2009, p. 22).

O estudioso considera que essa influência requer uma percepção da língua como um conjunto sistemático e ao mesmo tempo heterogêneo, aberto, flexível, ou seja, como um conjunto de falares utilizado por grupos de falantes que criam e recriam os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros, o que nos permite compreender seu caráter variável.

2. Metodologia

A metodologia utilizada nesse artigo ocorreu por meio da abordagem qualitativa, para buscar apresentar, compreender e descrever a importância da variação linguística no âmbito escolar. A pesquisa investigou como é a relação dos alunos a respeito da variação linguística presente em sala de aula e se algum professor já trabalhou esse conteúdo com eles ou pelo menos se o atual professor sabe lidar com essas variações como convém nos PCN's.

Esta pesquisa de campo aconteceu em uma escola pública no município de Manicoré com uma professora e alunos da 3ª terceira série. Para conduzir e analisar as coletas de dados foi apresentado alguns questionários aos alunos e professor, houve também uma observação direta com os alunos.

A metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade. Para entender as características da pesquisa científica e seus métodos, é preciso, previamente, compreender o que vem a ser ciência (PRODANOV E FREITAS em 2013, p. 14.)

De acordo com essa premissa a metodologia científica compreende os métodos que estão disponíveis para contribuir na realização de uma pesquisa. Então, para a pesquisa ser executada utilizamos métodos que nos deram base de sustentação, a fim de encontrarmos as devidas explicações ao tema investigado. O primeiro momento aconteceu com a pesquisa na web, depois fizemos uma seleção de artigos e obras para a realização de diversas leituras referente a temática pesquisada, que nos permitiu conhecer um pouco da realidade.

A abordagem trabalhada neste artigo é de natureza qualitativa que de acordo com Minayo (2001, p. 21-22),

[...] a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...].

Partindo dessa análise, os dados qualitativos compreendem na descrição detalhada da situação com objetivo de integrar os indivíduos e seus próprios termos. Foi utilizado ainda, como abordagem indutiva, sobre isso Lakatos e Marconi (2007, p. 86) diz que: “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas.”

Desse modo, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é maior do que o das premissas nas quais se basearam. Sendo assim, a ferramenta técnica foi feita por meio de questionário de perguntas, para coleta de dados a observação com a professora e com alunos das terceiras séries. A pesquisa se caracterizou ainda como participante, visto que houve interação entre pesquisadores e membros das situações estudadas. Com relação a isso Gil (2002, p. 56) esclarece que

A pesquisa participante, por sua vez, envolve a distinção entre ciência popular e ciência dominante. Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutenção do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado

do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar a realidade sobretudo partir dos recursos que a natureza lhe oferece (2002, p.56).

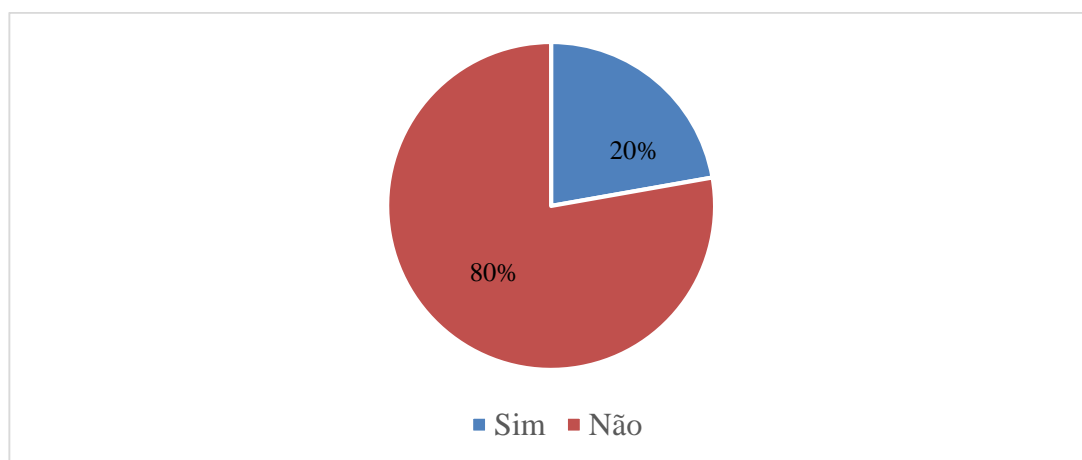
Por fim, participaram desta pesquisa trinta alunos os quais responderam sete perguntas em um questionário fechado, e uma professora da terceira série respondeu a um questionário contendo 04 questionamentos, os quais serão expostos no item seguinte.

3. Análise e discussão dos resultados

Os dados postos em evidência foram coletados em uma escola pública do município de Manicoré/AM, particularmente, no 3^a ano do Ensino Médio coletados através de questionários com sete perguntas destinadas aos alunos e quatro perguntas para a professora de Língua Portuguesa da mesma turma. No momento da aplicação do questionário todos os alunos responderam às perguntas acompanhados tanto do professor como do aplicador que tirou as dúvidas

A primeira pergunta feita foi “*Você sabe o que é Variações Linguística?*”

Gráfico 1 – Você sabe o que é Variações Linguística?

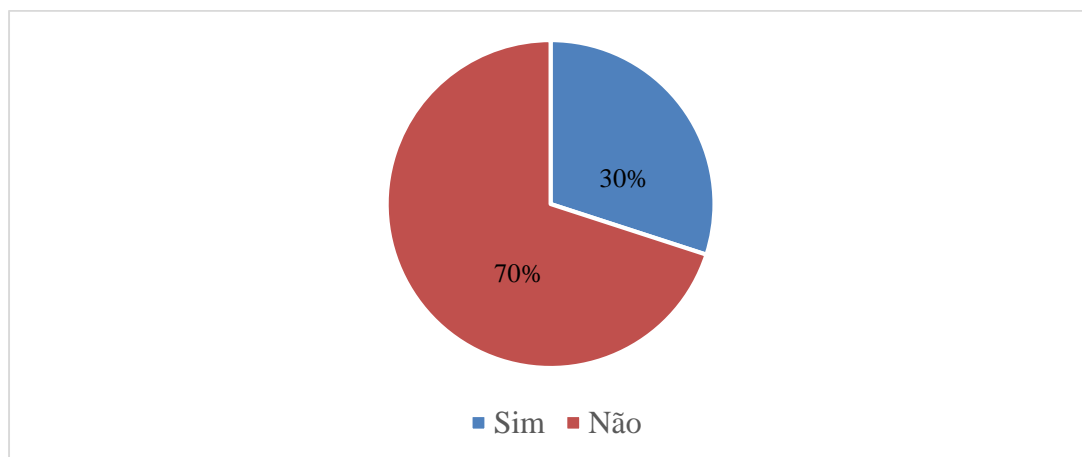


Fonte: Xavier (2022)

O gráfico 01 mostra que 20% dos alunos responderam que sim, e 80% responderam não. Com base nas respostas dadas percebemos que a maioria não conhece a parte conceitual de variação linguística. Apenas seis conhecem sobre o tema variação linguística. Portanto, sabemos da grande importância de se trabalhar essa temática em sala, uma vez que se trata de um fenômeno enraizado no cotidiano de quem fala a língua portuguesa, pois “acreditamos que a discussão desse tema em sala de aula contribui para uma sociedade mais justa e igualitária”. (NETO *et.al*, 2017, p.10).

No segundo questionamento temos “*Você estudou alguma vez sobre Variação Linguística no Ensino Médio?*”

Gráfico 2 – Você estudou alguma vez sobre Variação Linguística no Ensino Médio?



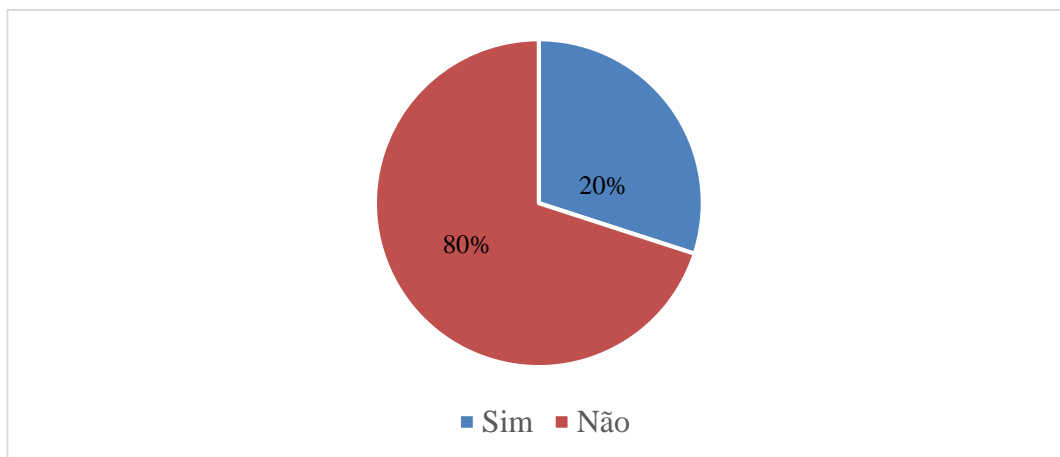
Fonte: Xavier (2022)

No gráfico 02 está exposto os resultados da segunda pergunta em que 30% dos estudantes responderam sim, e 70% afirmaram não. Fica claro que a maioria não estudou variação linguística, entretanto, sabemos que o Ensino Médio é a última etapa da educação básica, na qual os alunos deveriam ser oportunizados no contato com a diversidade linguística. a aperfeiçoar todos os saberes recebidos durante seu trajeto estudantil. Portanto, é na escola que é propiciado um ambiente de respeito à variação linguística.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM afirmam que “a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva.” (Brasil, 1998, p.30). Em vista disso, o olhar linguístico é primordial para o estudante desenvolver suas habilidades voltadas tanto para o falar como para o escrever.

A terceira pergunta consiste “*Alguma vez sofreu preconceito na sala de aula por conta do seu jeito de falar?*”

Gráfico 3 – Alguma vez sofreu preconceito na sala de aula por conta do seu jeito de falar?



Fonte: Xavier (2022)

O gráfico 3 deixa claro que 80% dos alunos questionados responderam que não sofreram preconceito linguístico, apenas 20% sofreram. O preconceito de alguma forma vai surgir na escola seja ele linguístico ou não, e quando isso acontecer o professor deve estar preparado para se posicionar de forma que o estudante tome consciência que são atitudes que soam de forma negativa podendo trazer drásticos resultados para quem sofre qualquer tipo de preconceito.

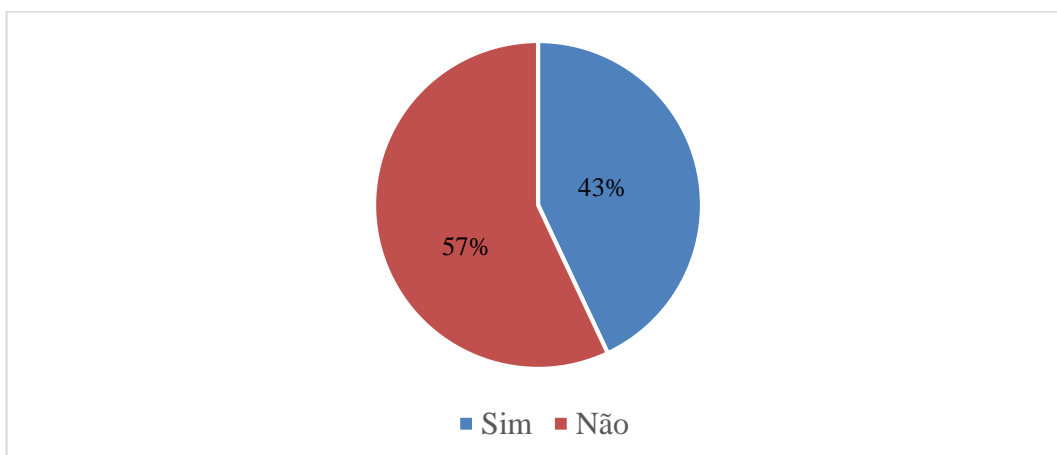
Conforme Bagno (2009, p. 24),

o preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...] pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo.

Se existir respeito quanto ao modo de falar de qualquer pessoa o preconceito linguístico perderá a força, pois as variedades linguísticas devem ser vistas como formas particulares de falante ou comunidades de falantes.

A quarta pergunta consta “*Você já presenciou preconceito linguístico na sala de aula?*”

Gráfico – 4: Você já presenciou preconceito linguístico na sala de aula?

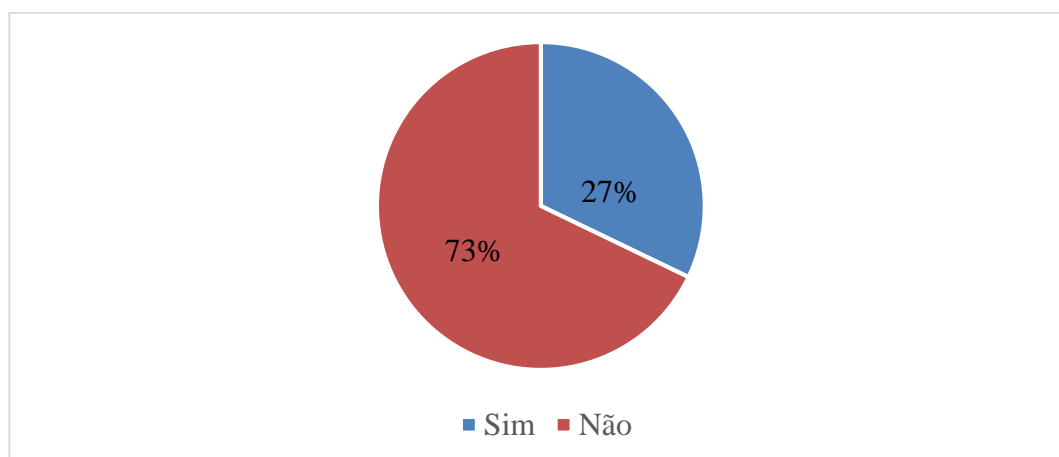


Fonte: Xavier (2022)

Nos dados acima consta que 43% disseram sim, e 57% não. Na questão anterior acerca de sofrer preconceito linguístico o professor também deve estar preparado para mostrar que há a diversidade na língua portuguesa. Bagno (1999, p. 47) pondera que “se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive. “Em vista disso, o professor não deve permitir que o aluno deprecie o modo de falar de qualquer colega, para que não surjam situações de constrangimento em sala e o aluno não se sinta inibido em se expressar oralmente.

A quinta pergunta consistia em “*Nesse ano letivo foi abordado o tema Variação Linguística nas aulas de Língua Portuguesa?*”

Gráfico – 5: Nesse ano letivo foi abordado o tema Variação Linguística nas aulas de Língua Portuguesa?



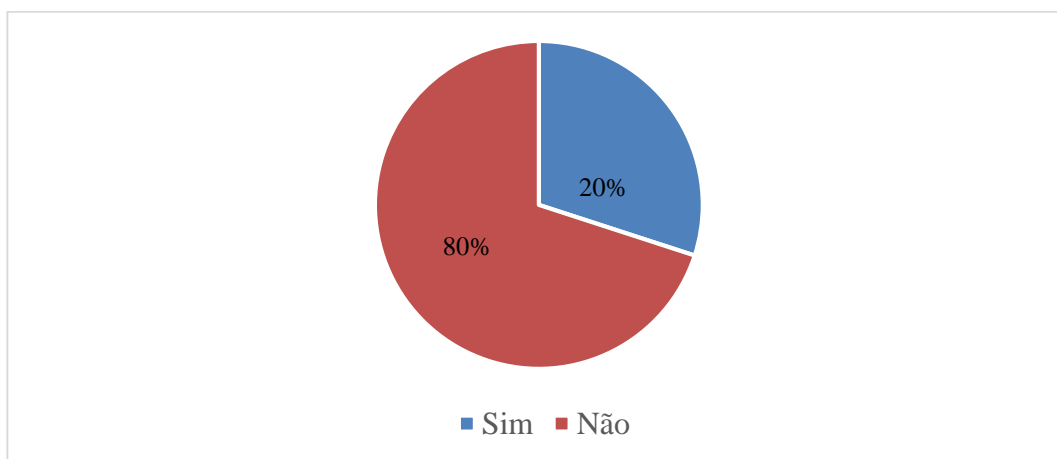
De acordo com o gráfico acima, 27% responderam sim, e 73% afirmaram que não. O aluno deve ser oportunizado a dominar as variações mais prestigiadas no meio social. [...] Bagno, (2007, p. 84-85) destaca que:

Garantir o acesso dos alunos e das alunas a outras formas de falar e de escrever, isto é, permitir que aprendam e aprendam variantes linguísticas diferentes das que eles/elas já dominam – isso significa ampliar o repertório comunicativo, ter à sua disposição um número maior de opções, que poderão ser empregadas de acordo com as necessidades da interação; [...] promover o conhecimento ativo das convenções dos muitos gêneros que circulam na sociedade, sobretudo dos gêneros escritos mais monitorados; Promover o conhecimento da diversidade linguística como uma riqueza da nossa cultura, da nossa sociedade, ao lado de outras diversidades culturais [...]

Compreendemos assim como o autor que o aluno deve ter consciência de todas as formas da língua utilizada pelos falantes se preocupando em fazer a adequação de acordo com o contexto. Para que ao se deparar com uma variante que não seja comum em seu cotidiano o estudante não receba a fala do colega com preconceito.

E por último “os livros didáticos utilizados esse ano abordavam sobre a variação linguística?”

Gráfico 6 – Você estudou alguma vez sobre Variação Linguística no Ensino Médio?



Fonte: Xavier (2022)

No gráfico 06, está exposto que 20% alunos responderam que sim e 80% responderam que não. Acreditamos que os livros didáticos são apenas ferramenta, cabe ao professor fazer reflexões sobre o uso da linguagem, principalmente em sala de aula para que haja compreensão do conteúdo, e principalmente sobre a variação linguística, à medida que são feitas tais reflexões se torna mais aceitável desmistificar temas polêmicos dentro da Língua Portuguesa como é o caso da variação linguística.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.25):

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem ser documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal de júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque variação é inerente à própria comunidade linguística.

Para concluirmos a discussão dos resultados obtidos durante este estudo fizemos algumas perguntas para a docente da turma em estudo. O questionário iniciou com a seguinte inquietação *“como você define Variação Linguística?”* A *variação linguística é uma característica inerente a todas as línguas naturais. Ela representa reflexos das diferenças socioculturais e contextuais durante a produção da fala por parte de um indivíduo, que vem carregada de influência da comunidade linguística em que ele está inserido e de suas intenções pessoais.*

Neste pensamento podemos afirmar que o estudo da variação linguística é importante, pois é por meio de exemplos práticos contidos na própria fala dos estudantes que podemos trabalhar a variação linguística tendo o cuidado para não ocasionar preconceito linguístico. Leite (2005, p.7) expõe que:

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, extratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

Diante dessa premissa fica claro que a variação linguística é um objeto do conhecimento que precisa ter lugar de destaque nas aulas de língua portuguesa, visto que nos comunicamos através do falar e cada indivíduo usa de uma forma de falar, com isso é necessário que os alunos tenham entendimento das particularidades de cada falante.

A segunda pergunta consistia em *“você consegue abordar essa temática dentro os conteúdos de Língua Portuguesa?”* A *variação linguística faz parte do currículo escolar da disciplina de Língua Portuguesa. Na escola aprendemos a norma culta da língua portuguesa, portanto é normal pensar que quaisquer produções linguísticas que fogem à norma são incorretas ou inválidas. No entanto, não é assim do ponto de vista linguístico: tanto o analfabeto do interior, como o jornalista letrado são igualmente fluentes em sua língua.*

Dada a resposta da professora, ficou evidente que cada falante tem um comportamento dependendo da circunstância comunicativa em que se encontra, “o contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que o falante se encontre, ele utiliza mecanismos linguísticos diferentes para se expressar.” (Martelotta, 2008, p. 145). Desse modo, se o falante possui um saber maior ele se expressará com mais formalidade, porém se ele demonstrar pouco conhecimento também conseguirá se comunicar, mas com suas peculiaridades.

Continuando a terceira pergunta foi *“como você observa a abordagem das Variações Linguísticas no Livro didático?”* De maneira nenhuma a variação linguística pode ficar fora

do livro didático uma vez que faz parte da proposta curricular da disciplina. O livro aborda muito bem este assunto.

O livro didático é uma ferramenta que o professor possui, o qual funciona como um suporte didático, cabe ao professor decidir se vai inserir na aula ou não. Porém, existem editoras que nem sempre abordam um assunto de forma precisa. Quando o livro é dinâmico o professor utiliza com frequência em suas aulas.

Pode-se dizer que os livros didáticos preparam o professor para sua utilização e valorizam a importância de se trabalhar os gêneros textuais. Os professores interessados encontram informações suficientes para se atualizarem, principalmente aqueles que há muito não se reciclam quanto as inovações da ciência da linguagem. (Assis e Luquetti, 2014, p.9.)

E por último “*a Variação Linguística quando não abordada de maneira satisfatória pode levar a situações como preconceito linguístico, logo, você já presenciou esse preconceito em sala de aula?*” *O conceito de variação linguística está intimamente relacionado ao preconceito linguístico. Quando tomamos a norma culta como única, correta e válida no território nacional ficamos sujeitos a ver com maus olhos qualquer tipo de construção linguística que não seja a padrão. Portanto, na nossa escola nunca foi aceitável e presenciado o preconceito linguístico em minhas aulas.*

O preconceito infelizmente é muito comum na sociedade, ele se manifesta nas mais variadas formas, e não é diferente com o preconceito linguístico onde as pessoas, principalmente na sala de aula, desqualificam o modo de falar do outro, dentre alunos isso é muito comum, entretanto cabe ao professor não deixar que essas situações vire rotina mostrando que a língua é um sistema linguístico o qual possui multiplicidade diversificada, daí a importância de o professor buscar metodologias voltadas para essa destacar a diversidade. Bagno confirma isso afirmando que:

Uma das principais tarefas do professor de línguas é conscientizar seu aluno de que a língua é como um guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta [...]. Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos; o da adequabilidade e o da aceitabilidade. (Bagno, 2007, p.130).

Através da ilustração de Bagno, refletimos sobre o falar e escrever, quando o estudante em algumas situações ele utiliza a grafia da mesma forma em que fala mesmo com suas respectivas variantes. Por isso é importante o professor a mediação quanto a esses aspectos.

Quando o estudante tem em mente que escrever se difere de falar ele não correrá o risco de despertar preconceito.

Considerações Finais

Com base nas análises das apresentações de dados colhidos e observações realizadas em sala de aula com alunos da 3º série de uma escola da rede pública do município de Manicoré chegamos à conclusão de que muitos estudantes estão alheios a questão da variação linguística, uma vez que a docente se prende somente ao ensino da gramática e acaba deixando de lado a variedade linguística. Entretanto, sabemos que nos dias de hoje a gramática deve ser ensinada dentro dos gêneros textuais não só os temas relacionados a gramática como também a linguagem.

O preconceito linguístico já havia ocorrido em sala por parte de alguns alunos, e tais atitudes gerava receio nos outros em se expressar de alguma forma durante as aulas, pois o preconceito fazia com que eles acreditassem que existe o falar certo e errado. Porém, o professor deve deixar claro em suas aulas que existe diferenças no falar das pessoas, independentemente de sua cultura ou classe social e isso deve ser respeitado.

Observou-se que muitas vezes os próprios professores tratavam os estudantes com preconceito por pregarem a tradição trazida pela gramática normativa. Por exemplo, quando o aluno se expressa por escrito o professor não leva em consideração a resposta do aluno quando a mesma apresenta um erro ortográfico ou de concordância verbal. Esse pensamento deve ser mudado, visto que variação da língua e gramática normativa são importantes para o ensino da língua, mas ambos possuem suas especificidades. Por fim, de acordo com as colocações tecidas neste artigo através das respostas da professora de língua portuguesa e dos estudantes ficou evidente que os estudantes precisam de mais informações referentes a temática em questão a fim de que eles possam ter embasamento para entender os fenômenos ocorridos na língua e assim combaterem as situações de preconceito linguístico.

Diante de todas as reflexões expostas neste artigo compreendemos que a variação linguística no Ensino Médio deve ter um olhar especial por parte do corpo docente, visto que é por meio da língua que as pessoas se comunicam e conseqüentemente externalizam seus pensamentos, mas observamos a pobreza de argumentos concernente ao ensino das variações linguísticas.

Por fim, esperamos ter contribuído de alguma forma com as pessoas interessadas por este tema, visto que como estudantes do curso de letras tivemos a oportunidade de conhecer

de forma mais ampla sobre as variantes e de refletir sobre a forma errônea que pensávamos a língua.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 103-105.

ASSIS, Andreia Silva, LUQUETTI, Eliana Crispim. **O ensino da variação linguística e o livro didático**: o processo de ensino-aprendizagem da língua materna na educação básica, UFU. Rio de Janeiro, 2014.

BAGNO, Marcos **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo. Edição Loyola.1999.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**, Loyola, 52ª edição. São Paulo, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Bases legais, 2000.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997, p. 19-41.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar** – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 1 – TP1: linguagem e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BORTONI-RICARDO, stella Maris. **Nós chegamu na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. 2. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.); **Manual da Linguística**: São Paulo, Contexto, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETO, A. G. S. N.; SOUZA, L. R. de; PINHEIRO, N. A. dos S.; LUTERMAN, L. Al. **Varição Linguística e pluralidade cultural**: sociolinguística para alunos do ensino médio. III Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas. Goiás: 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico /-2. ed.- Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

SUASSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.